



A ESCRITA NA CARNE E A METÁFORA DA COESÃO

Aline Fernandes de Azevedo¹

Primeiras Palavras

O sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação. (HENRY, 1992, p.188)

Este trabalho versa sobre um novo objeto de análise, mais especificamente sobre o corpo, a partir de uma perspectiva discursiva apoiada nos escritos de Michel Pêcheux (1975, 2000, 2004) e Eni Orlandi (2001, 2004; 2005, 2007). Deste ponto de vista teórico, proponho pensar o estatuto simbólico do corpo na contemporaneidade, priorizando análise de *corpus* composto por recortes do Facebook, especialmente imagens que trazem essa temática em relação a uma manifestação cultural muito particular: a festa *rave*. Em outras palavras, para discorrer acerca das representações do corpo, tomo a festa *rave* como lugar de observação dos sentidos e dos sujeitos e as redes sociais, em especial o Facebook, como textualização dessa celebração contemporânea. Nas textualidades que analiso o corpo aparece em diversas situações que implicam em diferentes formas de significá-lo, desde a presença do corpo híbrido metade máquina metade humano a modificações corporais que deixam entrever sentidos outros sobre os sujeitos em relação com seu corpo. Neste trabalho, analiso uma situação específica: o corpo tatuado, modificado e repleto de *piercings*, ou seja, o domínio dos signos que trespassam o corpo. Essas imagens e representações do corpo que tomarei para análise são, do ponto de vista teórico no qual situo meu trabalho, produtos de determinadas condições materiais e históricas, o que implica em pensar o corpo como textualidade na qual é possível observar novas formas históricas de produção de subjetividades.

1. Forma-sujeito, interpelação, individuação

É fundamental para a análise de discurso a teorização na qual o indivíduo é constituído em sujeito através de sua entrada no simbólico, ou seja, o fato de sua interpelação pela ideologia da qual resulta a forma-sujeito histórica. A forma-sujeito se realiza, segundo Pêcheux, na “incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui um de seus fundamentos” (PÊCHEUX, 2009, p. 155). Assim, podemos dizer que “a condição inalienável para a subjetividade é a língua, a história e o mecanismo ideológico pelo qual o sujeito se constitui” (ORLANDI, 2007, p. 61).

Ainda, esse sujeito assim constituído sofre processos de individuação pelo Estado, tal qual teoriza Orlandi (2005), ou seja, o sujeito interpelado “determina-se pelo modo como, na história, terá

¹ Mestre em Ciências da Comunicação e Linguagens (ECA/USP), doutoranda em Linguística (IEL/Unicamp/Labeurb).



sua forma individual(izada) concreta: no caso do capitalismo, que é o caso presente, a forma de um indivíduo livre de coerções e responsável” (ORLANDI, 2005, p.107). “Temos sobre esse sujeito processos que o individualizam e que derivam das diferentes formas de poder” (ORLANDI, 2007, p. 61), processos esses que podem ser condescendentes com o poder instituído pelo Estado como, também, confrontá-lo: “é nessa instância que se dão as lutas, os confrontos e onde podemos observar os mecanismos de imposição, de exclusão e os de resistência” (ORLANDI, 2007, p. 61). Pois bem, é a partir dessa teorização que procuramos pensar o corpo do sujeito na rave como complacente e, também, resistente aos poderes que o perpassam: tornado signo de sua própria identidade, o corpo assinala um sujeito que afronta e resiste, produzindo a diferença.

2. Signos de identidades

E acrescentaremos que levar até as últimas consequências a interpelação ideológica como ritual supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura: ‘uma palavras por outra’ é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho. (PÉCHEUX, 1990, p. 17)

Tomar o corpo na festa *rave* como objeto de estudo me permitiu compreendê-lo como forma material, materialidade sócio-histórica investida de sentidos, capaz de significação. Minhas análises, ainda que inconclusas, apontam que a condição simbólica do sujeito, sua injunção à interpretação, é visível também em seus corpos. Na festa *rave*, o corpo do sujeito é tatuado: traço que (re)significa o grupo, rabisco da memória que metaforiza o laço social e diz muito sobre o funcionamento de nossa sociedade. Nesses termos, o gesto que marca a carne é também aquele que inscreve identidades.

A teoria do discurso (PÉCHEUX, 2009) retoma o princípio laciano resignificado por Althusser (1985), ou seja, o fato de que somos interpelados em sujeitos pela ideologia. O que é o mesmo que dizer que a entrada no simbólico faz parte do processo de constituição do sujeito e é, portanto, algo a que ele não pode recusar-se. Somos fadados a significar, a dar sentido ao mundo e a nós mesmos. Não somos indiferentes, pois, à interpretação: “há uma injunção à interpretação” (ORLANDI, 2007, p.30).

A marcação do traço na pele, o orifício que se abre na carne tal qual uma janela para o mundo são sentidos que resvalam. No simbólico, o sujeito mantém uma relação forte com a grafia, com o grafismo, sinais sensíveis à história, gestos simbólicos que, quando marcados na carne, projetam a própria identidade do sujeito a partir do significante. A marca corporal é, nesses termos, uma outra forma de trabalhar as relações de sentido que re-significa a relação autor-obra, imputando à grafia na pele processos muitos específicos de identificação e individuação. Independente de questões individuais(listas) que versam sobre os motivos e razões para se fazer uma tatuagem, as marcações corporais são sintoma de que “o ser humano não pára de explorar-se simbolicamente” (ORLANDI, 2004, p.120), de um processo no qual o sujeito se singulariza ao produzir, ao mesmo



tempo, dor e prazer. Tentativa inexecutável de suturar o vazio, a marcação corporal é a forma como o sujeito se metaforiza na busca da coesão:

Assim como o texto deve ter, imaginariamente, um começo, meio e fim, o sujeito se metaforiza em busca de unidade, textualizando-se, na pressão feita pelo modo como a linguagem se mostra omnipresente: *piercing*, tatuagens, são, como a 'pontuação', tentativas de um fechamento impossível; vontade de não perder-se na falta de fronteiras. (ORLANDI, 2004, p.123-124)

Assim, podemos dizer que a tatuagem, em sua forma material, é a inscrição de um sujeito que busca preencher (seus) vazios que, não obstante, são constitutivos de sua condição de ser sujeito. "O discurso é sempre incompleto assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos. (...) A incompletude é o indício da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha, do possível." (ORLANDI, 2005, p.114)

Para mostrar como o equívoco funciona em meu *corpus* selecionei três recortes. A primeira foto foi selecionada na comunidade Universo Paralello. As outras duas na página Boom Festival. Ambas são comunidades internas do Facebook. O Boom Festival é um festival de música eletrônica conhecido mundialmente e que acontece a cada dois anos em Portugal. Já o Universo Paralello é um festival que acontece na virada do ano, na Bahia.

O antropólogo David Le Breton (2007) diz que na atualidade o corpo é resultado de excessos e derivas, vítima do empreendimento que objetiva eliminá-lo ou corrigi-lo. Trata-se, sobretudo, de discursos entusiastas acerca do progresso científico que pretendem livrar o homem da fragilidade e da morte: é um corpo-bricolagem, que oscila entre o narcisismo e o controle de si. Ainda, Breton aponta que, ontologicamente separado do sujeito, o corpo teria se constituído em objeto, "simples suporte da pessoa", algo que deve ser melhorado, "um rascunho a ser corrigido" (2007, p.15). Seus escritos assinalam que o corpo, marcado pelo pecado original, é esvaziado e torna-se matéria-prima na qual se dilui a identidade do homem. Em outras palavras, Breton aponta o paradoxo da modernidade na qual a aparente apologia do corpo incorre em seu esvaziamento, fabricando o corpo-máquina, o corpo-simulacro descartável, uma prótese na qual a subjetividade lixo irá se instalar. O corpo carnal, símbolo da precariedade, deve dar lugar ao "corpo glorioso totalmente criado pela tecnociência" (LE BRETON, 2007, p.19). Nesses termos, Le Breton diz que o corpo é submetido a modificações como cirurgias estéticas, marcas corporais ou transexualismo com o objetivo de manejar uma identidade favorável. A corporalidade, nessa perspectiva, sofre ações deliberadas que a transformam segundo os anseios do sujeito da vontade, num processo de manipulação e administração de si.

Contudo, diferentemente de Le Breton, penso que o corpo não pode ser concebido em cisão com o sujeito, mas como materialidade na qual o sujeito, movido por processos de subjetivação (a entrada no simbólico) e identificação, inscreve sua identidade textualizando-se. Nesses termos, a subjetividade não é acessória, mas fruto de um processo de constituição incontornável, no qual, para retomar as palavras de Althusser (1985), somos interpelados em sujeitos, pela ideologia. Ainda, a(s)



identidade(s) não deve ser concebida como um produto da vontade do homem. “A identidade é um movimento na história”, nos ensina Eni Orlandi (2004) e, portanto, não é imanente ou consubstancial ao sujeito, uma vez que, segundo Pêcheux (2009), resulta de processos de identificação nunca completos ou acabados. O sujeito, em relação com seu corpo, sofre processos de individuação (pelas instituições e pelos discursos) e, a partir deles, identifica-se com determinada forma-sujeito, constituindo sua identidade num processo imperfeito, num eterno devir identitário.

1. Gestos de pertencimento

Em nosso *corpus*, as marcações corporais aparecem frequentemente como tatuagens permanentes com diversos tipos de desenhos, tamanhos e estilos, e colocam em funcionamento determinada memória que re-significa (metaforiza) a tribo. De forma geral, é comum observar desenhos que possuem certa semelhança com tracejados tribais. A tatuagem pode ou não vir acompanhada de outras modificações corporais, tais como incisões efetuadas por *piercings*, alargadores e até modificações mais radicais.

Nesse sentido, a marcação no corpo é também marca de pertencimento a um grupo, uma vez que sinaliza a sociabilidade, marca o laço social. No grupo o sujeito encontra um lugar para ser e pertencer, significar-se para além da morte. O pertencimento, segundo Bataille (apud. HENRIQUEZ, 2005), advém do desejo dos homens em estabelecer o laço social, a aspiração à proteção, a pretensão por sentir-se parte do grupo. Preso a processos de individuação, o sujeito se tatua e modifica seu corpo num gesto que sinaliza sua necessidade de significar sua própria singularidade: na ânsia por afrontar a impessoalidade que marca a nossa sociedade capitalista de consumo (HAROCHE, 2005), o sujeito marca sua pele e transforma seu corpo num emblema de sua própria identidade.

Assim, um aspecto importante em relação à tatuagem, escrita no próprio corpo que vai significar diferentemente dependendo das condições materiais em que se realiza, é que ela promove a identificação dos sujeitos. Nessa perspectiva, não se trata de desvendar um sentido para cada tatuagem, mas observar os modos como, ao marcar a própria carne, o sujeito se singulariza, produzindo sentidos sobre si mesmo e identificando-se ou não com a forma-sujeito de dada formação discursiva. A tatuagem, nessa perspectiva, é um gesto que significa social e politicamente.

Modificações corporais e subjetividades: notas finais

Foi a partir das modificações da cultura de massa durante os anos 70 e 80 que os jovens passaram a adotar a cultura do *piercing* e da tatuagem como forma de manifestação estética. Segundo David Le Breton (2009), a história das marcas corporais distinguiu uma passagem de uma forma de ética para uma estética do corpo. Em outras palavras, a prática de modificação do próprio



corpo originalmente arcaica e que se constituía em sinais morais² de rejeição ao mundo foi progressivamente integrada aos modos de ser, transformando o corpo em um emblema.

Entretanto, apontar que a tatuagem deixou de ter um significado ético para constituir-se em uma prática estética é defini-la de fora. Ao contrário, discursivamente é possível dizer que as marcações corporais metaforizam sentidos que rememoram a relação com a tribo, sentidos que vão além do puramente estético uma vez que abrigam a diferença. Em outras palavras, trata-se de uma prática que significa politicamente.

Nota-se como a diferença é visível em nosso *corpus* e nos impõe a necessidade de pensar o jogo imaginário que remonta essa discursividade. No último recorte, vemos corpos que negam toda a norma(lidade) social. Nele fica evidente como as modificações corporais deixam entrever brechas: há, eu diria, uma negação do mundo semanticamente normal, aquele cujos corpos coincidem com a norma social. Essa negação configura um modo de individuação outro, ou seja, nessa discursividade o sujeito é individuado de outra forma: nele a tecno-ciência não produz a repetição, mas desliza, metaforiza, produz sentidos que divergem. São corpos regidos por um outro imaginário, lá onde o arcaico é resignificado, onde o sujeito escapa, rompe, corrompe. Corpos em encontro com a música, gestos corporais incoerentes que deixam entrever a falha, abrem fraturas na enunciação. O corpo do sujeito, na *rave*, é um corpo marcado, desenhado pela abertura à significação. Nele o simbólico fica marcado na pele e deixa traços de resistência nesse modo de (se) dizer.

Referências Bibliográficas

- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita*. Língua, sujeito e discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- _____. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. *Interpretação*. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2007.
- _____. (org.) *Cidade Atravessada*. Os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora UNICAMP, 2009.
- _____. *Discurso*. Estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2000.
- _____. *A língua inatingível*. O discurso na história da lingüística. Campinas: Pontes, 2004.

² Segundo o autor Christoph Türcke, há uma passagem bíblica que trata da dimensão ética da tatuagem: “E o Senhor fez uma marca em Caim, de forma que ninguém o matasse quando o encontrasse” (Gênesis 4, 15). O autor argumenta que essa marca de Caim deve ser concebida como “algo talhado, a inscrição de um corte, um *branding*” (2010, p.73).